

# [عقلم] CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,  
formado pelos artistas  
Bruno Novadvorski &  
Chris, The Red  
[www.duocu.art.br](http://www.duocu.art.br)



editorial

E chegamos a mais uma edição da [pós]CORPOS e com novidades. Além do ensaio fotográfico que compõe cada edição, inauguramos uma nova sessão neste número: **Corpas Falantes**. Nesta, a cada publicação, um novo texto, que pode ser um artigo, um ensaio, um manifesto... e para inaugurar, trago um texto do Rafael Leopoldo e da Alessandra Mawu. Rafael é doutorando em filosofia na Universidade Federal de Ouro Preto. A Alessandra é graduanda em antropologia

**Direitos e Comprometimento:**

*As imagens constantes na [pós]CORPOS® são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.*

*A [pós]CORPOS® está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS® ou do artista.*

*Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.*

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 03, Nº 14, Abril/2022 (ISSN 2675-7281)

**Edição e Redação** Chris, The Red **Capa** DUOCU (fotografia, 2022) **Ensaio Fotográfico** DUOCU (2022) **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Para acompanhar o texto, fotos da Marina Roso feitas por mim e se você tiver algum texto que se encaixa com a proposta da nossa revista, envie-nos por email. Se for selecionado, estará em uma das nossas edições. E no ensaio fotográfico desta edição, vamos celebrar a diversidade de nossas existências e possibilidades com Chaos, Crystal, Dogo de la Mancha, Pinky e Sadan acompanhadas de seu Dog Walker Gustrava. As fotos são assinadas pelo DUOCU composto por mim e Bruno Novadvorski e produção de Rainnery e Gustavo. Como escreveu o DUOCU em um dos textos que acompanha o ensaio: "Na cobertura próxima ao Arouche, reuniram-se humanos, pets, sexualidades, fetiches, práxis artísticas da mais alta putaria que de tão alta aproximou-se de deus. Lugar onde constatamos que na verdade lá, para além das nuvens, mora uma deusa-canina-sexualmente artística." E é sobre isso, nossas existências vão muito além...

## Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual fotógrafo editor-chefe



### Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: [conexao@duocu.art.br](mailto:conexao@duocu.art.br)



Longe de ser um texto com estruturas acadêmicas, muito mais próximo ao relatos de dias inesquecíveis, esse texto é um emaranhado provocativo. O caos estabelecido na dinâmica de um ensaio fotográfico que não buscou a foto perfeita, a pose perfeita, o.a.e.s corpo.a.e.s perfeito.a.e.s, pelo contrário, fugimos da perfeição estabelecida de sermos humanos.

Na cobertura próxima ao Arouche, reuniram-se humanos, pets, sexualidades, fetiches, práxis artísticas da mais alta putaria que de tão alta aproximou-se de deus. Lugar onde constatamos que na verdade lá, para além das nuvens, mora uma deusa-canina-sexualmente artística.

Inúmeras vezes, se cobra do olhar fotográfico a perfeição e/ou o momento certo. Possivelmente um dos maiores equívocos das relações humanas com a fotografia. assim quando fotografamos a híbrida relação ser-devir pet-humano, nos damos conta e certificamos que os discursos fotográficos devem deixar a zona de



conforto. Deitar e rolar, ficar de quatro do modo que horizontaliza as relações biopolíticas entre espécies de bichos-animais-humanos, roendo com voracidade este osso que se aproxima das relações humanas. Essas em que somos capazes de nos domesticarmos a nós mesmos e a outras espécies.

Nesse bate bolo, seja para alimentar pets ou humanos, ou ainda a mistura trans-existencial de ambos ou quaisquer outras espécies, esse ensaio fotográfico registra artisticamente a capacidade de ampliação da possibilidade de nosso.a.e.s corpo.a.e.s.

Pets levam seu dono para passear. Pets alimentam seu dono e se alimentam dele. Pets alimentam pets. Pets tocam piano. Pets curtem *golden shower*. Pets possuem fetiches. Pets vivem.

**[por] DUOCU**

Far from being a text with academic structures, much closer to the accounts of unforgettable days, this text is a provocative tangle. The chaos established in the dynamics of a photo essay that did not seek the perfect photo, the perfect pose, the perfect body, on the contrary, we fled from the established perfection of being human.

In a penthouse near Arouche square in São Paulo (a notorious place for queer urban encounters), we witnessed a coalition of humans, pets, sexualities, fetishes, and artistic praxis of the highest whoredom, so high we approached god. A place where we could see that, in fact, there, beyond the clouds, lives a sexually artistic-canine-goddess.

Countless times, perfection and/or the right moment are demanded from the photographer. Possibly one of the biggest mistakes of human relations with photography. So when we photograph the hybrid pet-human being-becoming relationship, we realize and certify that photographic discourses must leave the comfort zone. Lie down and roll over, stay on all fours in the way that horizontalizes the biopolitical relationships between animal-human-animal species, voraciously gnawing this bone that approaches human relationships. Those in which we are able to domesticate ourselves and other species.

So, in this process of 'bate bolo' - Brazilian slang for masturbation -, in which we cum art to feed hungry holes of pets and humans, or even the trans-existential mixture of both or any other species, this photo essay artistically records the ability to expand the possibility of our bodies.

Pets take their owner for a walk. Pets feed their owner and feed on him. Pets feed pets. Pets play the piano. Pets enjoy golden shower. Pets have fetishes. Pets live.

**[by] DUOCU**



Um cachorro no canto espantado  
com sua própria imagem  
Refletido em calúnias, ontogenias  
e falsos milagres  
Catatônico em inércias ouvindo o  
latido das prostitutas do Arouche  
Famigerado causando metástases  
em débeis corpos que caem

Não é o que é.  
Sempre existe uma forma diferente  
Material, voluptuoso, vulgar e demente  
Não cabe no tempo ou espaço.  
É espinho que já nasce com ponta  
Prefere arrancar os olhos como  
sinal de afronta

O ontem e o póstumo regurgitando  
contratransferências  
Acometido pelas maldições dos malditos  
Esperando o soneto perfeito, a palavra que salva.  
O que não tem salvação  
Seguindo minhas sombras nos escarros por dedução

Esse cachorro continua a me olhar  
numa nudez dissimulada  
Sabe que me conhece, me faz silêncio  
em agonias gritantes em minha psique  
Acolho-me na criança perfeita bondades e  
maldades homeopatas

Sou mago, mágoa,  
esperança tempestuosa seu animus anima

Rascunhos de sinônimos e rascunhos de rascunhos  
Um rosto moldado no instante da respiração  
Sofridamente maquiavélico preenchendo lacunas  
Um feto, um humano, um cão leproso, a pétala perfeita.  
Ilusão resultante de misturas para além.

Sou Híbrido e não vim ao  
mundo pra te agradar.

**Crystal [pet]**  
**Rainnery [human]**



A dog in the corner amazed at  
its own image  
Reflected in slander, ontogeny and  
false miracles  
Catatonic in inertia listening to the  
barking of the Arouche prostitutes  
Infamous causing metastases in  
feeble falling bodies

It is not what it is.

There is always a different way

Material, voluptuous, vulgar and demented

It doesn't fit in time or space.

It is a thorn that is already born with a point

Prefers to gouge out the eyes

as a sign of affront

The yesterday and the posthumous regurgitating  
countertransferences

Assailed by the curses of the damned

Waiting for the perfect sonnet, the word that saves.

What can't be saved

Following my shadows in sputum by deduction

This dog continues to look at me in covert nudity  
He knows he knows me, silences me in  
screaming agonies in my psyche  
I take refuge in the perfect child homeopathic  
goodness and evil  
I'm mage, heartache, stormy hope your animus anima

Synonym sketches and sketches of sketches  
A face molded in the instant of breath  
Painfully Machiavellian filling in gaps  
A fetus, a human, a leper dog, the perfect petal.  
Illusion resulting from mixtures beyond.

I'm a Hybrid and I didn't come  
into the world to please you.

**Crystal [pet]**

**Rainnery [human]**

# Chaos [pet]

 @puppy.chaos





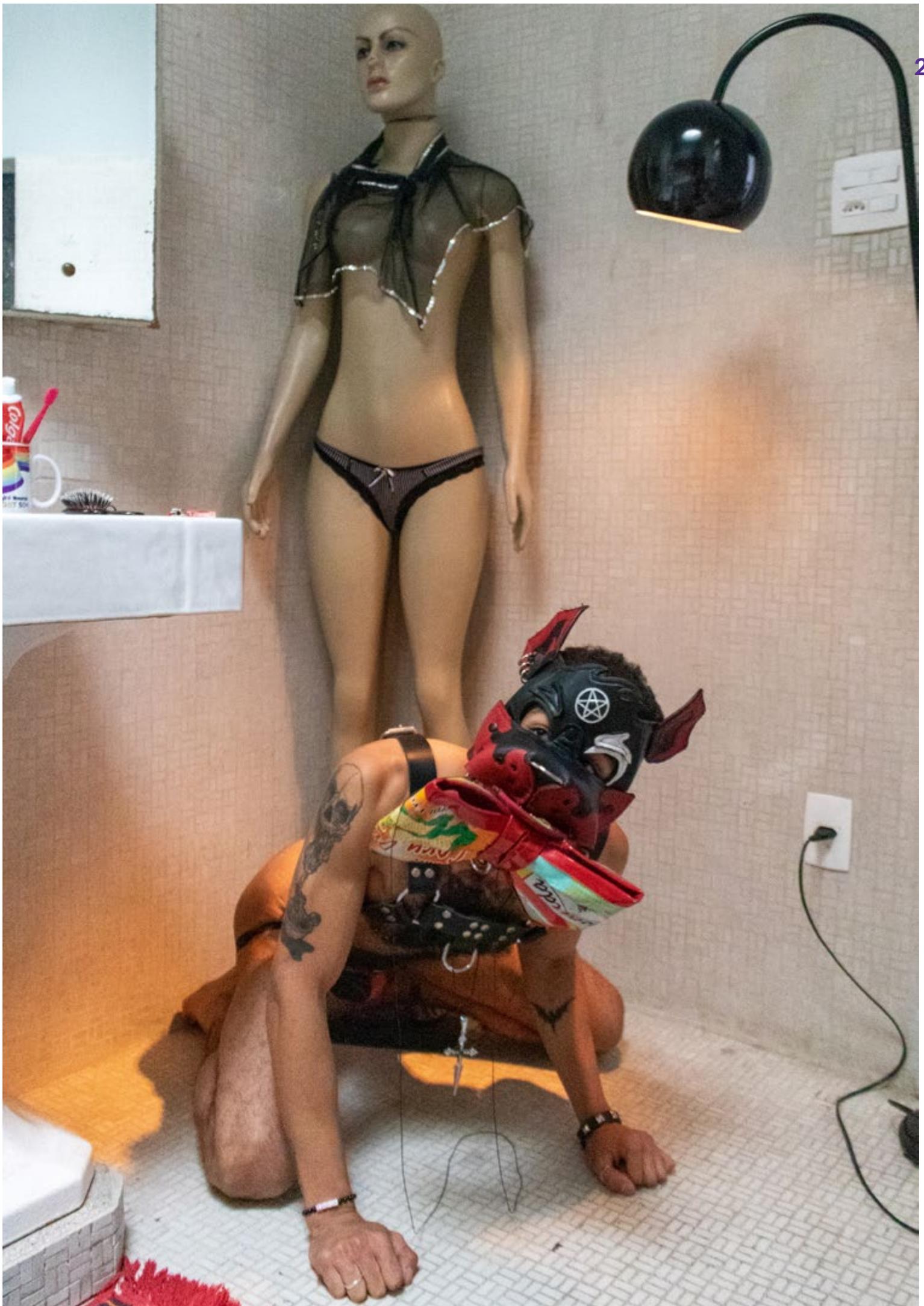






# Sadan [pet]

 @pupsadan











# Pinky Kinky [pet]

 @kinky\_chaser







# Dogo de la Mancha [pet]

 @dogo.de.la.mancha













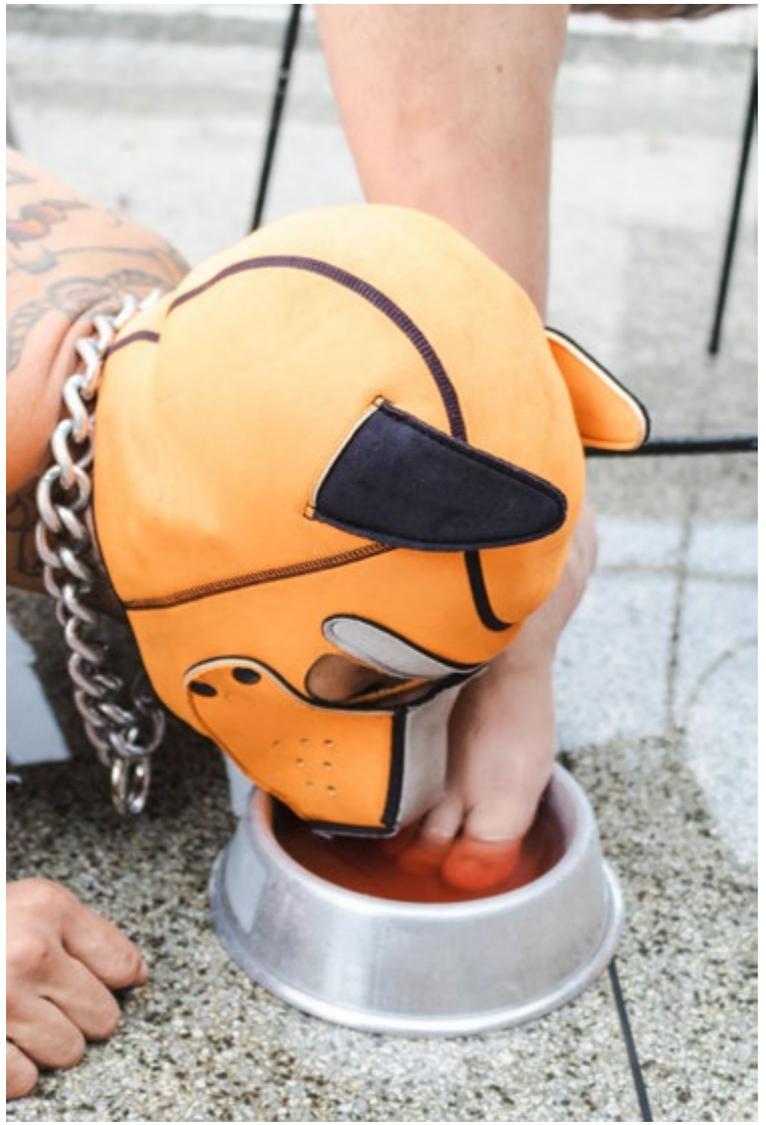
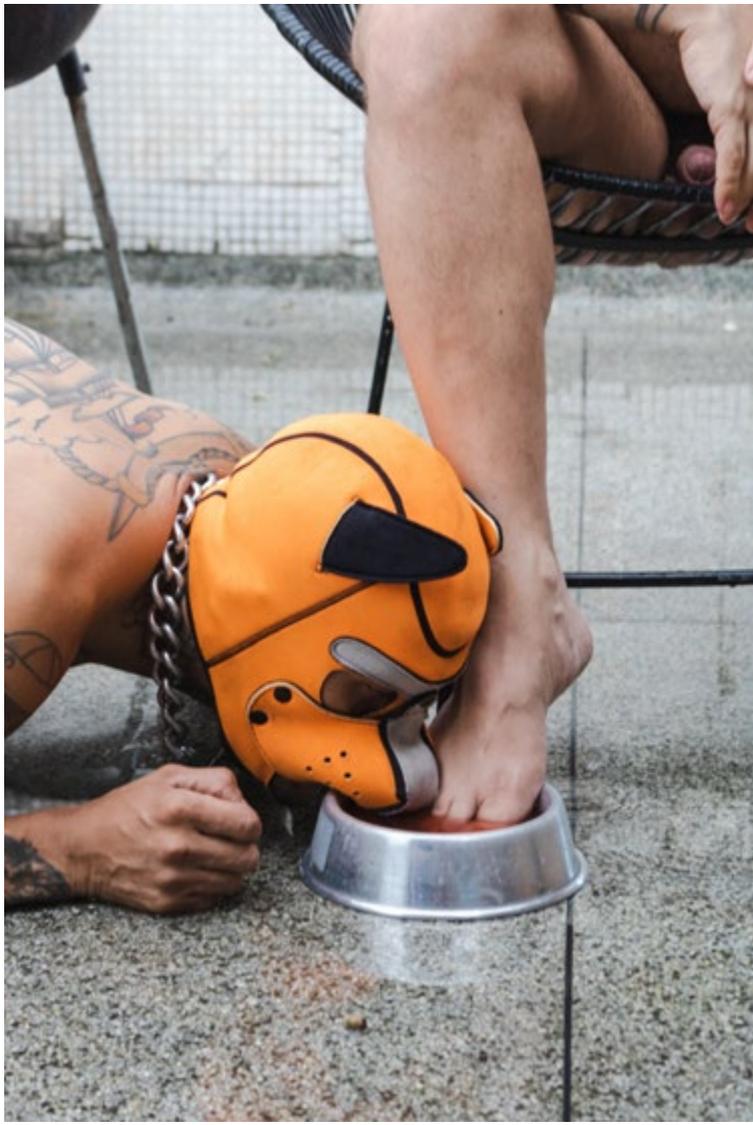










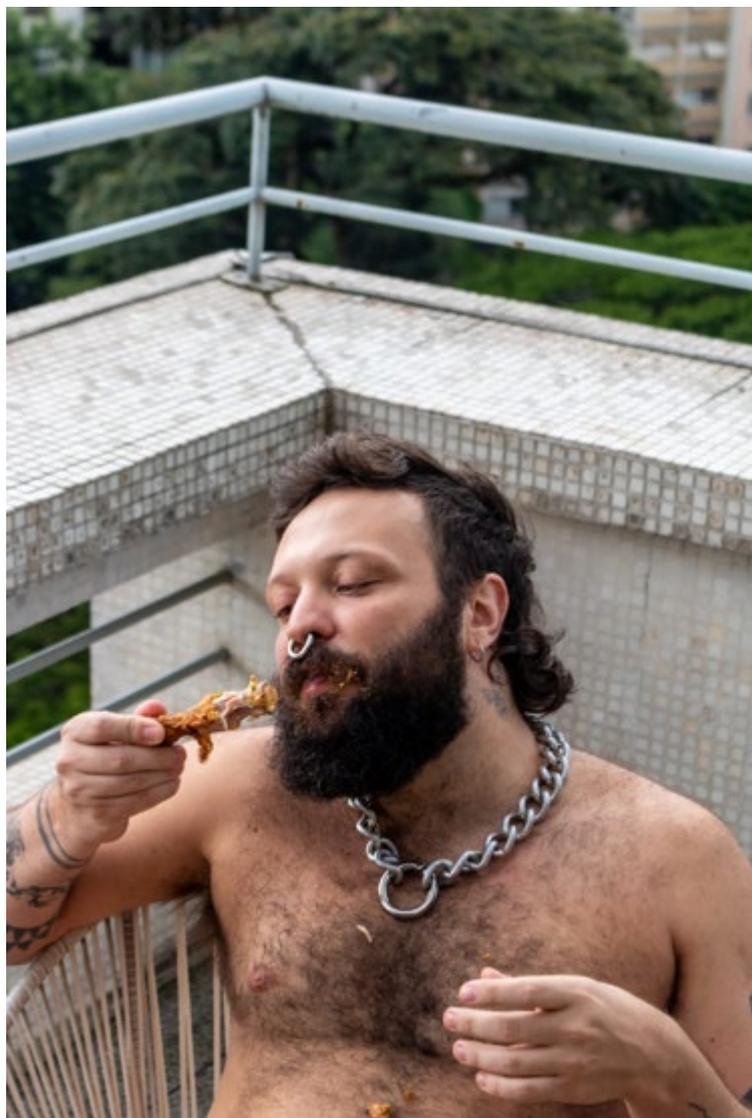


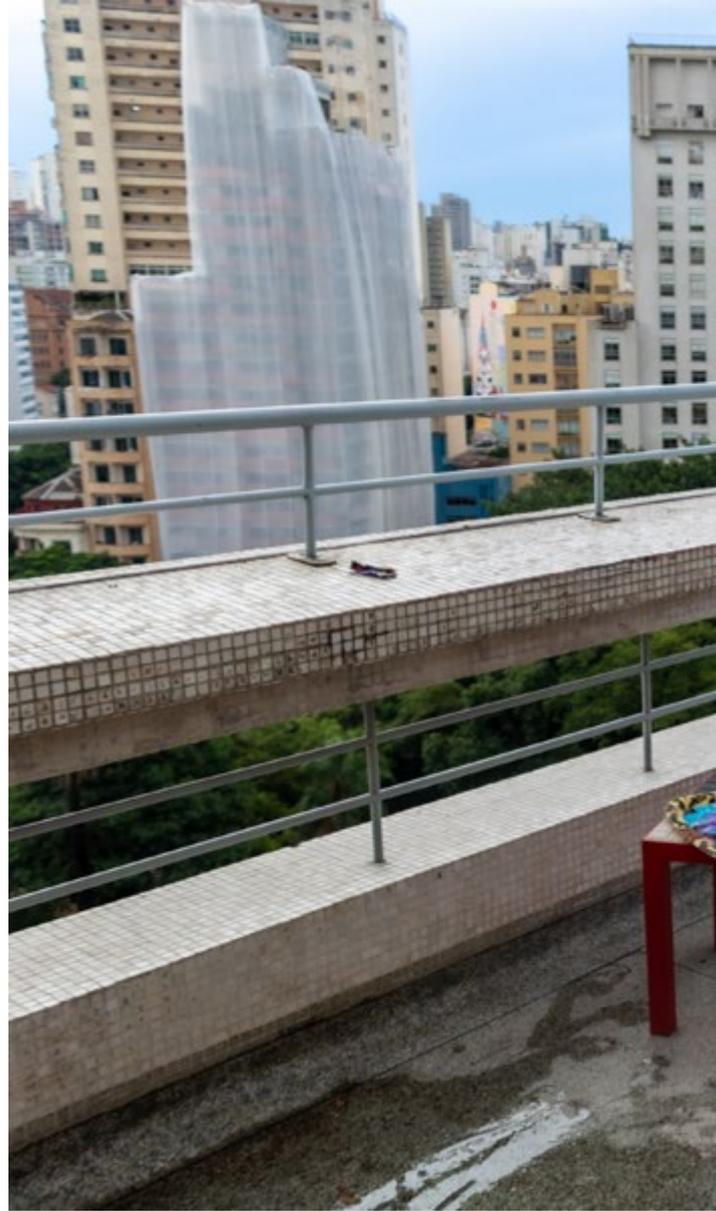










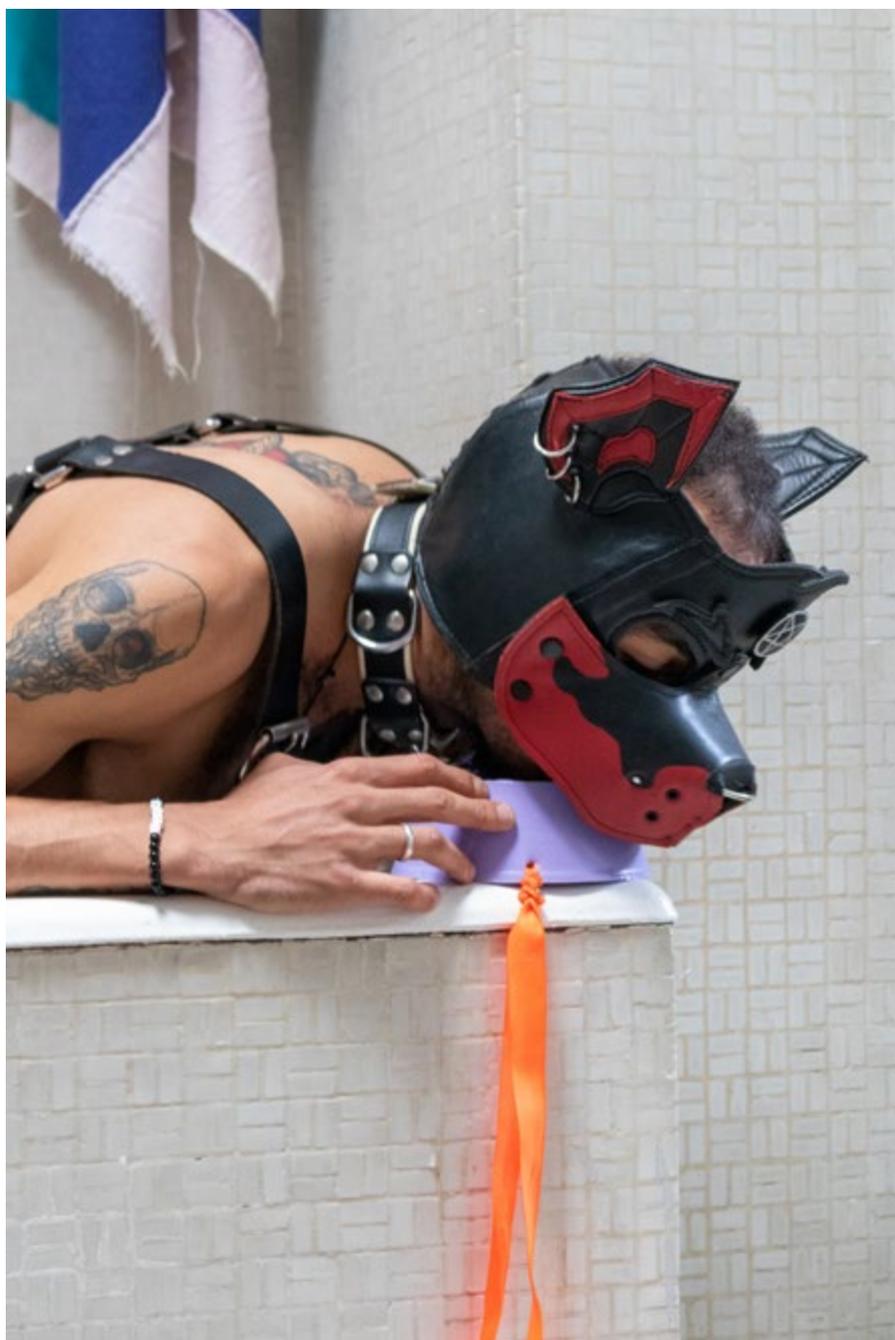














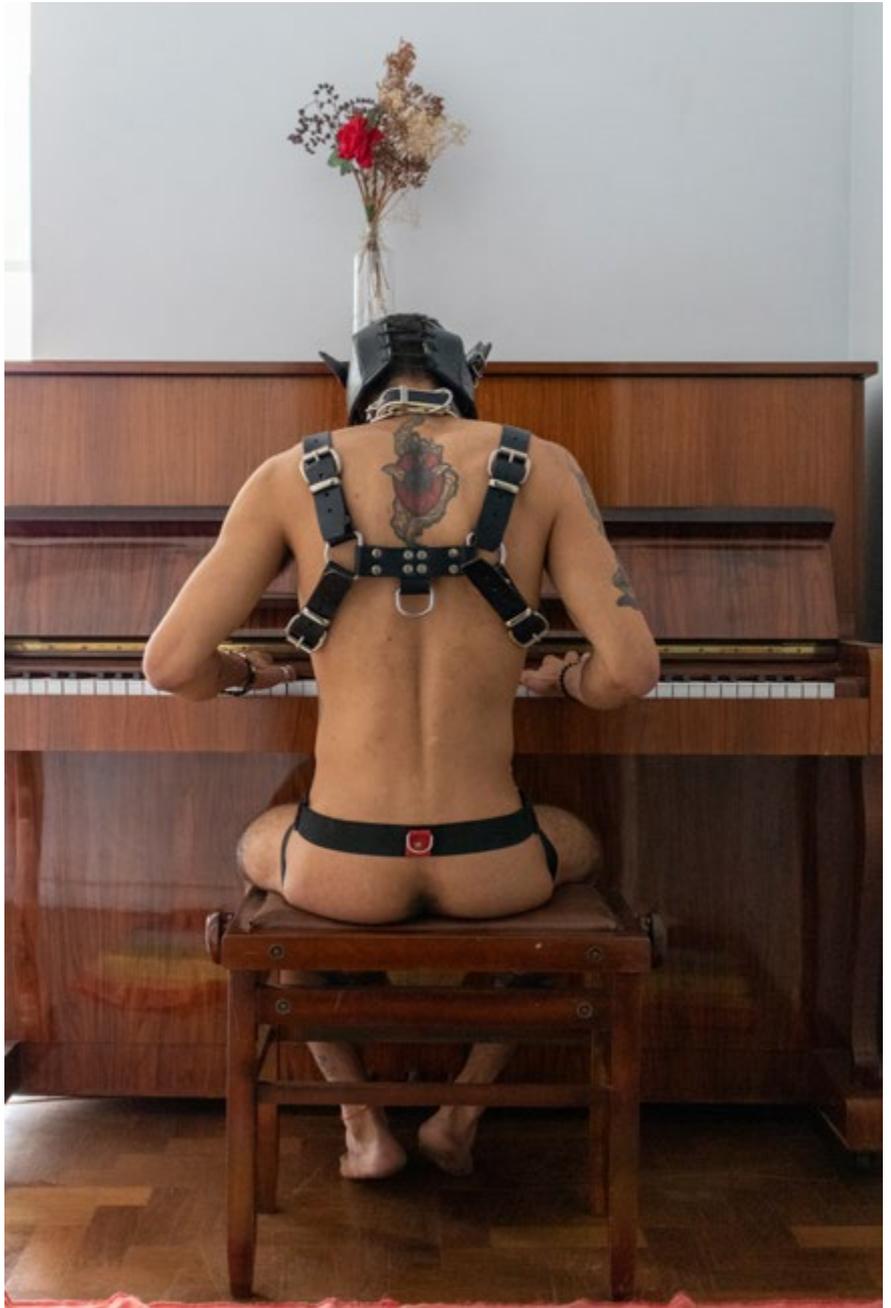




































































## parte 1

Eu “tenho” um cachorro - da espécie canina -, o Amaral. Sempre levei o Amaral pra rua, pra praça dos cachorros do meu bairro, para brincar com os outros dogs.

Ficava lá a observar a interação entre os bichos. E não foram poucas as vezes que eu me vi com inveja dele.

Uma inveja do seu modo de vida.

Eu, observando ele interagir com

outros cachorros, interagindo

comigo, interagindo com com a

praça - eu me via nele. E assim

ficava imaginando mundos em que

as pessoas tivessem esse modo

de vida. Idealizava um mundo

onde as pessoas cheirassem o cu

umas das outras como modo de

identificação, onde meu cu fosse

o meu RG (documento brasileiro

de identificação). Pensava um

mundo em que eu pudesse correr pra pegar a bolinha sem precisar elaborar sobre o sentido da bolinha, da corrida, da praça e da grama. Costurava entre sinapses humanas desejos e afetos caninos, mais expressáveis, mais praticáveis, menos pensáveis, até mesmo mais aleatórios, sem a mediação da coesão. Só que essa idealização ao mesmo tempo, e paradoxalmente, é extremamente humana. Esse devir cachorro parte de uma elaboração humana, sobre a minha frustração em ser humano. Então, eu preciso ser humano para que esse devir cachorro aconteça.

## parte 2

Um dia eu conheço uma criatura que é um cachorro dentro de um corpo lido como humano.

Nessa relação a gente divide um bolo, uma cama, um chão, uma relação. Essa que começa a me fazer enxergar a possibilidade de ocupar um entre lugar possível entre o ser e o devir, uma práxis possível da ficção canina que me habitava. Esse híbrido começa a fazer cada vez mais sentido para mim. A gente combina de fazer umas fotos onde eu, ainda que humano, dentro do registro pessoa, vou ser o Dog Walker desses pets, desses cachorros, dessa matilha. E no meio desse processo, que é um processo arte-vida, um processo criativo ativo, começo a perceber que parte do meu devir cachorro tem

a ver com a desconstrução da lógica humana de dominação, domesticação e colonização de todas as espécies e entidades humanas e não humanas ao redor - lógicas das quais já fui vítima e algoz. No meio do processo, começo a perceber que a relação de dominação que estava sendo estabelecida no ensaio fotográfico, em que eu sou Dog Walker, dono desses pets, ela precisava ser subvertida. Criamos uma estratégia de subversão dessa lógica de dominação dos cachorros, em que os bichos se submetem a mim, me dão afeto, me comem, pra depois me botar numa banheira e mijar no meu corpo - e no corpo da minha identidade latrina. Sinto que isso foi um ritual, uma ritualização do meu hibridismo, pessoa-cachorro. Ritual que marca o início de uma jornada para mim,

onde investigo práxis possíveis  
rumo ao devir cachorro, em que me  
desumanizar vira instrumento para  
evitar processos de desumanização  
e colonização de outre. Ser cachorra  
para ressignificar a forma como me  
elaboro enquanto pessoa.

## parte 3

Sou a Xepa, sem raça definida (SRD). Eu rejeito todo e qualquer pedigree. Existo para cristalizar a descristalização, para tornar palpável o viralatismo que sempre habitou em mim que basicamente é o não pertencimento, o hibridismo, a complexidade, a interseccionalidade, o trânsito, a não-categoria e o não-monólito. Não me compre, me adote.

**Gustrava [Dog  
Walker]  
Xepa [pet]**

## part 1

I "have" a dog - of the canine species -, Amaral. I usually take Amaral to the dog square in my neighborhood, to play with the other dogs. So I sit on the curb and watch the interaction between the animals. And many times I found myself jealous of him. An envy of his way of living. While watching him interact with other dogs, with me, with the square - I see myself in him. And so I keep imagining worlds in which people had that way of life. I idealize a world where people sniffed each other's assholes as a way of identification, where my asshole was my ID document. I think of a world in which I could run to catch the ball without having to elaborate on the meaning of the ball, the running, the square and the grass. I sew human synapses along with canine desires and affections, more expressible, more practicable, less thinkable, even more random, without the mediation of cohesion. But, at the same time and paradoxically, this idealization is extremely human. This *devir-other*, this becoming a dog starts from a human elaboration, about my frustration in being human. So, in order for this *devir-dog* to manifest, I have to be a human.

## part 2

One day I meet a creature that is a dog inside a body read by society as human.

In this interaction, we share a cake, a bed, a floor, a relationship. This encounter serves as reference for me to start drafting a place in between being and becoming a dog, a possible praxis for the canine fiction that inhabited me. This hybrid starts to make more and more sense. We agree to take some photos where I, although human, will be the Dog Walker of these pets, these dogs, this pack. And in the midst of this process, which is an art-life process, an active creative process, I begin to realize that part of my becoming a dog has to do with the deconstruction of the human logic of domination, domestication and colonization of all human and non-human beings around - logics of which I have already been victim and also perpetrator of.

In the middle of the process, I begin to realize that the domination that was being established in the photo shoot, in which I am the Dog Walker, owner of these pets, needed to be subverted. So we created a strategy to subvert this logic of domination of dogs, in which the animals initially submit to me,

give me affection, then fuck me, and finally put me in a bathtub and piss on my body - and on the body of my latrine identity. I feel that this was a ritual, a ritualization of my hybridity, person-dog. A ritual that marks the beginning of a journey for me, where I investigate possible praxis towards becoming a dog, in which dehumanizing myself becomes an instrument to avoid processes of dehumanization and colonization of others. Being a dog to resignify the way I elaborate myself as a person.

## **part 3**

I'm Xepa, a stray dog, no defined race.

I reject any and all pedigrees. I exist to crystallize decrystallization, to make palpable the stray-ness that has always inhabited me, which is basically non-belonging, hybridity, complexity, intersectionality, transit, non-category and non-monolith.

Don't buy me, adopt me.

**Gustrava [Dog  
Walker]  
Xepa [pet]**

**Direção Criativa:** Rainnery Queercore, Gustavo Gustrava, Bruno Novadvorski & Chris, The Red

**Produção:** Rainnery Queercore & Gustavo Gustrava

**Fotografia:** DUOCU

**[pós]Corpos:** Crystal, Chaos, Pinky Kinky, Sadan, Dogo de La Mancha & Gustrava

São Paulo, SP, Brasil, 2022

**Local:** Espaço Esponja

 @etraeuconoded

 @rainnery\_queercore

 @gustrav4

 @duocu

# CORPAS FALANTES

# DEVIR VIAGRA E DEVIR CLOROQUINA: Ensaio sobre Subjetividades Tóxicas.

**Alessandra Mawu &  
Rafael Leopoldo**

tradução: Chris, The Red  
revisão final: Rafael Leopoldo



# CARTOGRAFIA DA VULNERABILIDADE

Se pensarmos sobre vulnerabilidade durante o período pandêmico da COVID-19, deveríamos dizer que esse sentimento é generalizado. Cada pessoa se sente vulnerável ao vírus. É um tipo de devir trans do mundo. No entanto, é necessário esboçar uma cartografia da vulnerabilidade na América Latina, pois se a tragédia é generalizada, ela afeta, principalmente, um certo grupo de pessoas. Todas as pessoas estão, em menor ou maior grau, expostas, mas as pessoas trans estão em maior risco. Este fato pode ser entendido a partir de conceitos como *sociedade disciplinar*, *sociedade de controle* e *sociedade farmacopornográfica*.

Michel Foucault, no seu livro *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, escreveu não apenas uma história sobre prisão, mas uma genealogia do sujeito moderno produzido sob múltiplas formas de disciplinas. Ele entendia a sociedade como disciplinar e, aprofundando a teoria de Foucault, Gilles Deleuze a compreendeu como uma *sociedade de controle*.

Nós estamos entre esses dois tipos de sociedade. Desta forma, nós não habitamos apenas as ruínas de uma *sociedade disciplinar*, mas estamos inseridos na *sociedade de controle* e *farmacopornográfica*. A primeira poderia ser entendida como por meio dos ambientes fechados. Neste momento, analisa-se os espaços como as famílias, as escolas, as fábricas, os hospitais e as prisões. Todos estes lugares são ambientes de disciplina que apreendem o sujeito como um corpo dócil ou como um molde a ser construído e reconstruído por meio de tecnologias disciplinares.

Quando pensamos na *sociedade de controle*, a questão é ampliada para além das disciplinas naqueles ambientes de fechados, encontra-se o controle a céu aberto, o controle dentro dos espaços abertos, este controle hoje é exercido, principalmente, por computadores, vigilância e *big data*. O indivíduo não é mais um tipo de molde, mas ele é controlado e formado pela modulação. No entanto, o que deveria ser enfatizado é que, seja em uma *sociedade disciplinar* ou uma *sociedade de controle*, ambas são perigosas para pessoas trans, especialmente, durante a atual crise.

Importante lembrar que a família não é um lugar seguro, posto que muitas vezes se trata de um espaço violento. Nos ambientes de trabalho, como fábricas e corporações, a situação não muda, já que são espaços de difícil acesso para as pessoas trans, posto que estão atrelados a fortes preconceitos que fazem com que as pessoas trans não sejam empregadas. Assim, muitas vezes, tem-se a necessidade dos trabalhos sexuais. E, quando nos pensamos locais como hospitais e prisões muitas vezes nem se tem o reconhecimento das transidentidades.

Assim, os *aparelhos da sociedade* de controle não são usados em prol das pessoas trans. Pelo contrário, trata-se de excluí-las e criar uma normalização fundada em uma matriz confessional ou heteronormativa<sup>1</sup>. Por exemplo, no Peru e no Panamá, durante a quarentena, uma regra que foi estabelecida proibia homens e mulheres de saírem no mesmo dia, provocando violências brutais feitas por policiais contra pessoas trans que estavam nas ruas. Esta mesma violência pode se encontrar na própria lei, a violência é monopolizada pelo estado e escoada no corpo das minorias.

No ensaio *La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de covid-19*, podemos perceber como o Estado trabalha para excluir pessoas trans. A luta na América Latina para aprovar a lei de Identidade de Gênero que permite indivíduos a mudarem seus nomes e gênero nos registros nacionais, assim como receberem tratamentos médicos para processos na transição é um exemplo de como a relação entre o Estado e os *ativismos trans e queer* são complexas. Este direito que consideramos fundamental não é reconhecido por todos os países da América Latina. Além disso, a lei é apenas a ponta do *iceberg*, uma vez que percebemos como instituições e políticos distinguem entre quais vidas devem ser valorizadas e quais não. Poderíamos afirmar que existe *um dispositivo de transfagia* na sociedade brasileira.

Conseqüentemente, nosso próximo ponto teórico é entender este *dispositivo de transfagia* e a violência sistêmica contra pessoas trans e qualquer pessoa pertencente a grupos minorizados. No caso das pessoas trans é fundamental dizer que a vulnerabilidade não

---

<sup>1</sup> Quando enfatizamos o padrão heterossexual, não nos referimos à prática sexual, mas ao entendimento da heterossexualidade como um regime político. A questão é sobre nossas práticas sexuais íntimas, mas, por exemplo, como a heterossexualidade age sobre a lei, a medicina, a pedagogia etc. é também entendida como o que Butler chama de uma “rede de inteligibilidade cultural”, na qual sexo, gênero e desejo são mantidos e naturalizado sobre uma lógica binária heterossexual. Além disso, a matriz heterossexual é a norma compulsória do sexo, gênero e desejo.

é um *atributo essencial* ou ainda *uma identidade*, mas apenas uma condição especial nesse momento, uma vez que a experiência trans deveria ser entendida também como uma potência que é *restringida*<sup>2</sup>.

No entanto, nosso plano de fundo não são apenas a *sociedade disciplinar*, a *sociedade de controle* e a *sociedade farmacopornográfica*. É também a ideia de uma espécie de neoliberalismo predatório. Um dispositivo de mutação psíquica que produz a emergência do microempreendedor de si e de sua alma forjados por uma teologia da prosperidade. Este último tópico é essencial para nos ajudar a entender as políticas atuais. Trata-se de compreendermos o bolsonarismo e suas subjetividades tóxicas: 1) o Sujeito-Viagra, a relação entre Viagra e masculinidade/virilidade; 2) e o Sujeito-Cloroquina, a relação entre Cloroquina e política/religião.

## DEVIR-VIAGRA

Paul Beatriz Preciado é o teórico da *sociedade farmacopornográfica*. Preciado analisa a *sociedade disciplinar* (Foucault) e a *sociedade de controle* (Deleuze), mas ele se aprofunda e faz emergir um complexo conceito no intuito de entender as vicissitudes do mundo contemporâneo. Por isso, o primeiro passo é elucidar o que conceito traz em si e, então, tentarmos pensar o que chamamos de *viagrologia*, isso é, elementos de uma análise para entender a relação entre o Sujeito-Viagra e um tipo específico de masculinidade/virilidade<sup>3</sup>.

Michel Foucault escreveu sobre a questão disciplinar e enfatizou o corpo do indivíduo, a *sociedade disciplinar* transforma o corpo em corpo dócil. Por outro lado, ele também escreve sobre o *biopoder* e a ênfase agora é do corpo entendido como o corpo da espécie. Então, com o *biopoder* existe uma arte de governar a vida, entendendo a população, as tabelas estatísticas e os cálculos

<sup>2</sup> O trabalho realizado pelo psicanalista Eduardo Leal Cunha segue essa direção. Ele pensa sobre a potência pura da experiência trans (2020).

<sup>3</sup> Estamos usando a ideia de masculinidade/virilidade, mas que deve ser explicada em uma simples distinção conceitual. Quando pensamos na diferença entre masculinidade e virilidade, é necessário enfatizar sucintamente que o primeiro é uma norma e o segundo, um ideal. Além disso, quando é usada a noção de masculinidade, não estamos falando apenas de corpos biologicamente masculinos, pois podemos pensar sobre uma masculinidade feminina - como na obra de Judith Halberstam - ou ainda sobre uma fábula masculinidade feminina. Em política, é fácil perceber como a norma surge contra as mulheres e como elas precisam performar um certo tipo de masculinidade para fazer parte do jogo político. A heterossexualidade na política é a norma e qualquer desvio dela é entendida como incomum ou um risco para um corpo político são, um corpo geralmente sexualizado como heterossexual e racializado como branco.

demográficos. Encontramos tanto em Foucault e Preciado uma centralidade da questão da sexualidade na arte da moderna governança. É possível compreender uma crítica de técnicas de normalização da identidade sexual e padronização da vida.

Não obstante, Preciado se diferencia de Foucault e Deleuze quando centraliza as suas questões nos fármacos, no que chama de *farmacopornografia*. Preciado indica o surgimento desse regime de governo principalmente depois da Segunda Guerra Mundial. Ele identifica na era *farmacopornográfica* uma forte relação entre biotecnologias (fármacos) e a mídia global/tecnologias-semióticas (pornografia).

O primeiro aspecto – biotecnologias – nos mostra um amplo laboratório de moldagem de corpos, sexo e sexualidade. As biotecnologias ou as tecnologias necropolíticas, na Segunda Guerra Mundial ou na Guerra Fria, são métodos de controle das subjetividades sexuais. É preciso que entendamos que todas as tecnologias de guerra são popularizadas e tornam-se parte de nossas vidas diárias. Nossos celulares são ótimos exemplos, uma vez que para o seu desenvolvimento, tecnologias de guerra foram utilizadas como, por exemplo, a Internet ou o GPS (Global Positioning System). E não esqueçamos, também, que as cirurgias sexuais ou cosméticas foram comercialmente popularizadas pela classe média após a guerra. Se a criação dessas técnicas foi, inicialmente, com o objetivo de *recuperar corpos* feridos na guerra, hoje elas são utilizadas para mudar ou fazer *melhorias nos corpos* para uma vida melhor dentro de padrões sociais<sup>4</sup>. Nos dias atuais, modificações corporais são processos simples e frequentes.

O segundo aspecto – mídia global/pornografia – apresenta como a pornografia é uma tecnologia de dominância visual na era farmacopornográfica. Preciado destaca dois exemplos dessa tecnologia semiótica: 1) Hugh Hefner fundou a primeira revista pornô para ser vendida em bancas de jornais em 1953. Ele criou a *Playboy* trazendo Marilyn Monroe na primeira capa; 2) e Gerard Damiano produziu o filme *Garganta Profunda*, em 1975, que foi amplamente comercializado na América do Norte. Ao mesmo tempo, a indústria farmacêutica estava em busca de meios para estimular ereções e respostas sexuais.

---

<sup>4</sup> A diferença entre mudança e melhoria pode ser percebida a partir do cirurgião plástico brasileiro Ivo Pitanguy (1926 - 2016). Inicialmente, ele utilizava técnicas para tratar pessoas vítimas de queimaduras e depois, começou a pensar sobre como a aparência física era crucial para viver, de modo que as cirurgias plásticas mudaram desse aspecto unicamente medicinal para questões estéticas relacionadas ao corpo e a beleza.



O que Preciado nos indica é uma espécie de subjetividade tóxica-pornográfica quando a indústria tecnocientífica transforma depressão em Prozac, fertilidade em Pílula, por fim, masculinidade em testosterona ou Sildenafil. Mas, neste momento, o fármaco que nos interessa é o Viagra, posto que ele nos permite ir diretamente ao conceito de masculinidade/virilidade e como ele pode ser usado como uma ferramenta de performance de gênero com um valor farmacopolítico.

\*\*\*

O gênero não deve ser entendido como natural/inato, ou ainda, num sentido essencial, pois é uma construção social e resultado de sistemas de poder e saber. Judith Butler, no livro *Problemas de Gênero*, compreende gênero como estilização e repetição de atos, dentro de um rígido marco regulatório que geram a construção de padrões de identidades normais e anormais. O primeiro seria o modelo heteronormativo. O segundo é um erro no modelo. O primeiro é relacionado à farmacomasculinidade e seu modelo hegemônico: o Sujeito-Viagra. O segundo é qualquer construção que se desvia do padrão, qualquer construção extravagante, aquela que vaga fora da norma<sup>5</sup>.

Contudo, o que o pensamento queer aponta é a impossibilidade de uma identidade de gênero verdadeira seja ela heterossexual, homossexual, bissexual ou transexual. Se gênero/identidade é produzida por uma performatividade tecnológica, por consequência, não há um gênero verdadeiro, em outras palavras, não há o que chamam de “natural” ou “não natural”. A estilização do corpo é produzida por esta tecnologia, por aqueles atos que se repetem e se cristalizam.

Assim, quando pensamos sobre Bolsonaro estamos apontando para dois aspectos: 1) seu gênero é produzido por essa performatividades tecnológica; 2) sua masculinidade/virilidade é um tipo de farmacomasculinidade e, por sua vez, ela é usada como construção de um valor farmacopolítico. Em ambos, nada é entendido como natural ou inato. Bolsonaro usa os dois elementos como ferramenta política.

---

5 Não estamos assumindo uma perspectiva romântica do “anormal” e do “não natural”. O corpo que não se encaixa no sistema não é necessariamente uma abertura revolucionária inata à liberdade. É preciso perceber ao longo da História como os “anormais”, algumas vezes, estão alinhados como os sistemas opressores. Além disso, Paulo Freire nos lembra no seu texto essencial, a Pedagogia do Oprimido, que quase sempre o oprimido tem “medo da liberdade” e, ao invés de lutarem pela liberdade, tornam-se opressores ou uma espécie de “Sub-opressores”. O oprimido que está adaptado a uma estrutura de dominação deve descobrir sua própria liberdade para emergir como uma nova pessoa (nem como opressor nem como oprimido; nem como vítima nem como carrasco).

Sobre seu gênero: ele está alinhado com as heteronormatividades. Sobre sua masculinidade: ele tenta aparentar e exibir uma masculinidade como um instrumento de união reacionária, ou seja, sua masculinidade é uma utilização política de modelos.

Em um de seus discursos, Bolsonaro usou um neologismo para, ao mesmo tempo, referir-se a política e masculinidade/virilidade. A palavra usada por ele foi “imbrochável”. Ele afirmou que “na política, sou imbrochável! Mas não apenas na política, eu tenho uma filha de 9 anos de idade e a fiz sem uso de suplementos”. Apesar da declaração de Bolsonaro, a jornalista Thaís Oyama, no seu livro *Tormenta*, escreveu que Bolsonaro faz uso de Tadalafil/Cialis, uma droga prescrita para disfunções sexuais. Dessa forma, Cialis trabalha de duas formas. A primeira é o gênero como uma performance a favor de um argumento político. A segunda é o gênero como uma performance para a produção de uma ideia de virilidade. Em ambos, podemos ver a invenção do [Sujeito-Viagra](#).

Quando surge a lacuna entre a farmacomasculinidade de Bolsonaro e seu discurso, fica perceptível que ele sabe, de certa maneira, o que é performance de gênero dentro dos estudos do pensamento *queer*. Ele não está falando sobre seu gênero/masculinidade como uma experiência real, uma suposta essência da masculinidade. Não existe um gênero verdadeiro ou uma masculinidade verdadeira e Bolsonaro fez uso de ambos (gênero e masculinidade) como uma *construção política*. Da mesma forma que a *drag queen* brinca com as regras de gênero, Bolsonaro brinca com a masculinidade/virilidade para fazer uma aliança com os seus fiéis partidários.

Por fim, o que significa ser “imbrochável” na política? É a afirmação do ideal brasileiro da família tradicional como a unidade primária da sociedade. Sendo esta, a formada por um pai, uma mãe e suas crianças e cada uma dessas personagens da família tradicional tem o seu próprio papel. O pai assumindo o papel físico e o poder econômico no espaço público; a mãe, no espaço doméstico de forma silenciosa; as crianças, representam a reprodução futura desta célula familiar. A família conjugal é profundamente religiosa, extremamente racista (não aceitam relações inter-raciais) e fortemente classista (não aceitam relações entre classes).

O sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, no livro *Casa Grande & Senzala*, nos traz um ditado que unifica numa frase nosso legado religioso, racista e classista: “Branca para casar, mulata para fuder, negra para trabalhar”. Assim, a família tradicional a qual Bolsonaro

luta é a família patriarcal. Sobre esta figura paterna, existe uma relação tradicional entre a figura paterna e o Pai da Nação (política), a figura paterna e Deus-Pai (religião). Políticos da direita sabem bem como manipular estas imagens.

# DEVIR-CLOROQUINA

Quando pensamos no uso farmacopolítico da cloroquina por Bolsonaro, adentramos em alguns elementos da cultura brasileira relacionados à religião. Trata-se do Cristofascismo Brasileiro e o microempreendedor de si religioso. Ambos elementos são profundamente relacionados entre si, eles caracterizam o que chamamos de **Sujeito-Cloroquina**.

Diante dessa situação, devemos nos aproximar do conceito de Cristofacismo trazido por Fábio Py (2020). Py escreve que o termo “Cristofacismo” foi usado por Dorothee Solle para descrever dois momentos históricos. O primeiro é a relação dos membros do *Nationalsozialistische Deutsch Arbeiterpartei* (o partido nazista) dentro das igrejas cristãs. O segundo é a relação dos grupos supremacistas brancos dos EUA com uma teologia política autoritária.

Assim, Py pensa no Cristofacismo brasileiro quando observa a função da religião no governo de Bolsonaro. No entanto, ele reestrutura seu conceito com questões sobre a teologia opressora ligada à colonialidade e o fascismo entendido como maquinário político usado para criar o estado de exceção constitucional, e o crescimento de governos autoritários na América do Sul, evocando discursos cristão para impor agendas ultraliberais. Em adição ao conceito de Py, destacamos a relação do Cristofascismo brasileiro com o *microempreendedor de si religioso*.

\*\*\*

Nesse ambiente apocalíptico do coronavírus é possível ver o emergir do Cristofacismo brasileiro e o novo *Sujeito-Cloroquina*, o farmacoempreendedor de si. Neste momento, entendemos a economia num “horizonte ético”, isto é, a economia como um processo de subjetivação e o trabalho como “desenvolvimento de



si". No neoliberalismo sadeano, este fenômeno toma a forma de um microempreendedor de si. Este microempreendedor traz para a sua vida pessoal a lógica empresarial. Transformando a si mesmo em uma empresa.

Quando o indivíduo é produzido como uma empresa, duas coisas resultam: 1) um novo tipo de individualismo; e 2) a brutal ausência de alteridade. Estas duas características são importantes uma vez que mostra como os bolsonaristas entendem mortalidade no contexto da pandemia.

O que se percebe no bolsonarismo é, algumas vezes, uma espécie de indiferença às pessoas e, em outras, um prazer sádico em mergulhar na doença; em alguns momentos, percebemos uma total apatia e em outros, um desejo sádico por contato. Aliás, podemos perceber isto no bolsonarismo porque ele se vê como um mônada neoliberal sadiano. Consequentemente, não há um processo de identificação, nem luto nem melancolia. A empresa não chora por seus empregados, apenas os substitui.

No entanto, o microempreendedor de si está também conectado com a teologia da prosperidade. Então, podemos entender o ponto central do bolsonarismo como um indivíduo com fé nos negócios (pensamento positivo) e fé no sucesso religioso (pensamento desejoso). Ambos os lados deste microempreendedor de si preferem suas crenças e ilusões ao invés de racionalidade e realidade. Os bolsonaristas não são animais políticos, mas animais baseados na fé. Esta fé nos permite mergulhar profundamente no caso da cloroquina.

\*\*\*

No Brasil encontramos uma negação institucional do COVID-19 e, como consequência, a solução é um coquetel de cloroquina misturado com religião. Encontra-se uma polarização que coloca de um lado o Governo Federal (especificamente, o presidente Bolsonaro) associado à religião, e do outro lado os governos estaduais e municipais. O governo federal e grupos religiosos oscilam entre a negação e a desinformação; alguns governos municipais lúcidos buscaram lidar com a pandemia seguindo as orientações de líderes globais da saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Enquanto na Europa, o tópico político era uma crítica aos meios autoritários de governança na saúde pública, no Brasil, o Presidente Bolsonaro, recusa-se a usar a autoridade do estado para decretar, por exemplo, o *lockdown*. Ele realizou uma espécie de uma *micro-política da ignorância*, uma governança sem governo. De forma que as soluções dadas ao coronavírus não estavam alinhadas a fortes medidas políticas com atenção às orientações da OMC ou a Saúde Pública, mas com os religiosos microempreendedores de si e de sua fé espoliadora.

Nesse contexto, a cloroquina não é apenas uma questão médica, mas, sobretudo, uma questão religiosa. O COVID-19 tem sido uma batalha espiritual, do bem contra o mal, de fieis contra os seus inimigos. É apenas uma questão do quão forte sua fé se apresenta, a fé dos *homens religiosos* ou a fé dos *homens de negócios*. Então, não importa se o fármaco é indicado por médicos, políticos ou youtubers, não importa se são antivirais, cloroquina ou chocolate M&M. O ponto é que tomando a vacina ou comendo M&M para se prevenir do COVID-19 o que iria ativar o seu *real efeito* é a sua fé em Deus, o nível da qualidade da sua recuperação é correlata ao nível da sua fé, assim, com muita fé você pode ter saúde e riqueza e, por sua vez, com pouca fé a doença e a pobreza. A micro-política da ignorância do bolsonarismo transforma uma questão de saúde pública numa questão individual e religiosa. O bolsonarismo no seu núcleo parece ser esse estranho coquetel que se mistura o [dever-Viagra](#) e o [dever-Cloroquina](#).

## Referências:

BUTLER, Judith (2011). **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge.

\_\_\_\_\_, Judith (2020). **The Force of Nonviolence: And Ethical Pollical Bind**. New York: Verso.

DEFENDI OLIVEIRA, Alessandra Mawu (2020). **La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de COVID-19**. Ciencias y Humanidades. Colombia, Bogota. Vol. X, No. 10. Enero-junio.

FOUCAULT, Michel (1975). **Surveiller et Punir: Naissance de la Prison**. Paris: Gallimard.

FREYRE, Gilberto (1986). **The Master and the Slaves: a Study in the Development of Brazilian Civilization**. California: University of California Press.

FREYRE, Paulo (2014). **Pedagogy of the Oppressed**. New York: Bloomsbury, 2014. Leopoldo, Rafael (2020). **Cartografia do Pensamento Queer**. Bahia: Devires.

OYAMA, Thaís (2020). **Tormenta. O Governo Bolsonaro: Crise, Intrigas e Segredos**. São Paulo: Companhia das Letras.

PRECIADO, Paul (2013). **Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era**. New York: Feminist press.

HALBERSTAM, Judith (1998). **Female Masculinity**. United States: Duke University Press.

PY, Fábio (2020). **Bolsonaro's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19**. Int J Lat Am Relig.

**Alessandra Mawu Defendi Oliveira** é graduanda em Antropologia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana e integra o corpo editorial do Boletim Kultrun (<https://www.boletimkultrun.com/>). Seus campos principais de pesquisa são o transfeminismo, movimentos sociais, antropologia simbólicas, colonialismo e narrativas.

 @alessandramawu

**Rafael Leopoldo** é filósofo. Autor dos livros: *“Tango: o baile dos corpos doces”* (2019, Letramento); *“Cartografia do Pensamento Queer”* (2020, Devires). *“Transhumanismo: por uma antropologia do futuro”* (2021, Dialética).

 @rafaelleopold

**Fotos:** Chris, The Red  
**[pós]Corpos:** Marina Roso  
São Paulo, SP, Brasil, 2021

 @marinadeshiva

# Obrigado [thanks]

Alessandra Mawu

Bruno Novadvorski

Chaos

Crystal

Dogo de La Mancha

Gustavo Gustrava

Marina Roso

Rafael Leopoldo

Pinky Kinky

Rainnery

Sadan



